



As intencionalidades no jornalismo: a criação de vilões e heróis nas narrativas jornalísticas¹

Geane GODOIS²
Criselli MONTIPÓ³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade a análise da presença das intencionalidades no discurso jornalístico e de que maneira tais intencionalidades afetam a construção de personagens das narrativas jornalísticas. Foram analisadas duas reportagens de perfil da revista *Veja*, que abordam personagens conhecidos do público. A verificação contou com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (Motta, 2010). Constatou-se que o uso de estratégias comunicativas reafirmam a presença de intenções e interpretações dos autores mesmo no jornalismo, meio que se espera ser isento de opiniões.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa jornalística; perfil; intencionalidade; personagens; revista *Veja*.

INTRODUÇÃO

Os sujeitos têm na comunicação a necessidade e possibilidade de organização do diálogo e do relacionamento em comunidade. Logo, trata-se de um processo social, no qual está implicado diversas formas de se transmitir as mensagens, podendo fazer uso de técnicas visuais (gestos, imagens), sonoras, gráficas e orais. O jornalismo, por sua vez, adquire a missão de ser o transmissor coletivo dessas manifestações.

Tal responsabilidade trouxe ao ato de transmitir informações e notícias uma nova forma de conhecimento e expressão, pois, “talvez no final das contas o jornalismo simplesmente signifique ampliar e levar adiante as conversas das pessoas” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004, p. 31). Para tanto, a narrativa jornalística adquire total importância a partir do momento em que ela é entendida como a ressonância entre os

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da ECA-PUCPR, email: geanegodois1@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ECA-PUCPR, email: criselli@gmail.com.



acontecimentos e o interesse público, que na verdade é “o parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação” (CHAPARRO, 1994, p. 118).

Por isso, atentar-se à narração das histórias contadas pelos meios de comunicação torna-se relevante à medida que tal narrativa expõe não só os fatos, mas também – e principalmente – a leitura da existência humana. Portanto, o jornalista, aquele ao qual é responsável por construir a narração, e, por isso, deve manter a essência da profissão que entre tantos elementos, tem a verdade como a primeira obrigação, conforme Kovach, e Rosenstiel (2004).

A questão, porém, é que a verdade nem sempre é de concordância universal e mesmo o profissional de jornalismo que deve ter nela o pilar de seu trabalho, tem, como indivíduo, influências psicológicas, socioculturais, históricas e, por isso, o discurso pode acabar carregado de intencionalidades, mesmo que para o receptor, a princípio, passe despercebido. Assim, “o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis – portanto, *fazeres* combinados com *intenções*”⁴ (CHAPARRO, 1994, p. 22).

Portanto, a construção de personagens ao longo das narrativas que as mídias apresentam todos os dias ao público sofre influências carregadas por quem as produz e, assim, influem também na visão de quem as consome. É desta maneira que imagens de ídolos e vilões são construídas nas mentes dos membros da sociedade, dando ao jornalismo um caráter de julgador de questões éticas e morais.

Vale lembrar que, mesmo no caso de reportagens de perfil - um dos formatos do jornalismo interpretativo -, em que a liberdade de reportar é ampliada, Vilas-Boas (2003) critica o culto à celebração e adverte que, embora seja um processo desafiador contar sobre a vida das pessoas, tal tarefa não pode acabar em um texto que idealize ou demonize alguém. Afinal, a complexidade, o comum e o incomum habitam toda e qualquer pessoa.

Desta forma, duas reportagens serão analisadas com o objetivo de averiguar e ilustrar as dualidades dos discursos jornalísticos. O objeto de estudo dá-se em duas reportagens do gênero perfil da revista *Veja*, dos anos 2001 e 2004 e terá como base exploratória a metodologia proposta por Luiz Gonzaga Motta, em sua obra *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística* (2010)⁵.

⁴ Grifos do autor.

⁵ A análise integra os resultados parciais da pesquisa de iniciação científica *Narrativa jornalística e diversidade sociocultural – Análise de um modelo de cidadão na imprensa* realizada por Geane Godois,



Portanto, a análise se deu seguindo as etapas propostas por Motta (2010). Inicialmente, fez-se a 1) *recomposição da intriga ou acontecimento jornalístico*, que para o autor, consiste na identificação dos possíveis fragmentos de fatos anteriores que recompõem a narrativa jornalística e justificam sua publicação (por qual motivo tal relato é relevante); 2) *identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios*, etapa na qual observa-se o fato que constrói e faz girar todo o enredo do texto, bem como os acontecimentos secundários que ajudam no desenvolvimento narrativo. A partir disso, é possível também reconhecer os episódios e quais seus papéis no texto, como por exemplo: a situação estável, complicação, clímax, resolução, desfecho, etc.; 3) *a construção de personagens jornalísticas* - esta etapa permite que os personagens sejam classificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, entre outros. Assim, cada pessoa que aparece na narrativa possui uma funcionalidade dentro da história que está sendo contada. A análise também se dedicou a esclarecer as 4) *estratégias comunicativas* – que possibilita descobrir o processo argumentativo que o narrador utiliza e constrói todas as etapas anteriores. Faz-se necessária a observação da presença dos efeitos poéticos e de real, e como algumas figuras de linguagem se fazem presentes e podem influir na interpretação do leitor. Sobre 5) *a relação comunicativa e o contrato cognitivo*, o autor destaca justamente a relação entre narrador e receptor, entre intencionalidades e interpretações. Por fim, examinou-se as 6) *metanarrativas*, consideradas por Motta como o fundo moral da história, apoia-se ao fato de que toda narrativa jornalística tem como pano de fundo um motivo ético ou moral a fim de justificá-la.

CONSTRUINDO PERSONAGENS: O VILÃO

A reportagem analisada foi retirada da Edição 1632, da revista *Veja*, de 10 de janeiro de 2001. Intitulada “O vilão assumido”⁶, foi escrita por Marcelo Carneiro e Ronaldo França e apresenta a trajetória profissional de Eurico Miranda⁷, juntamente com as polêmicas que a cercearam.

sob orientação de Criselli Montipó, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da PUCPR em execução desde agosto de 2014.

⁶ Disponível no [Acervo Digital](#).

⁷ Eurico Ângelo de Oliveira Miranda nasceu em 7 de junho de 1944, no Rio de Janeiro. É advogado, político e dirigente esportivo brasileiro. Foi presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama de 2001 a 2003 e foi novamente eleito para o cargo pela quarta vez na última eleição, no período que vai de 2014 a 2017. Informações disponíveis em: [Vasco](#). Acesso em 28 de abril de 2015.



Ao *recompor da intriga ou acontecimento jornalístico*, verificou-se que os repórteres fazem uma junção de acontecimentos da carreira do personagem e explicam de que forma a imagem negativa dele foi construída. Para tanto e a fim de reforçar isso, há o uso de recursos como o destaque de citações em diversas entrevistas, com ênfase para as opiniões que causaram repercussões. Para ajudar no maior entendimento do leitor, foi feito uso de algumas fotos de outros personagens citados – e provocados - por Miranda. Dessa forma, resgata-se a memória do receptor e facilita a remontagem das ações, por meio da ilustração, na cabeça do mesmo. Na página que fecha a reportagem, há destaque especial para a fotografia do fato que mais marcou e foi preponderante para consolidar a imagem popular de “vilão” que Eurico construiu. “É a partir desta prática de olhar em torno de nós que representamos o mundo, por imagens, palavras, gestos e textos. [...] A imagem é, assim, uma linguagem cujos significados compartilhamos como grupo” (MOTA, 2012, p. 198). A legenda, neste caso, também foi colocada de forma a ter fácil visibilidade, a fim de deixar claro o que a imagem representa.

A gravata da matéria, traz: “Eurico Miranda pisa na bola, dá show de grosseria na final da Copa João Havelange e vira o vilão da vez no país”. Dessa forma, os autores introduzem qual o motivo factual que justifica a relevância do texto. Em seguida, é identificável o encadeamento narrativo, no qual inicialmente é feito comentários relacionados ao personagem e na sequência o acontecimento é contado de forma cronológica.

“Mais de 25 milhões de pessoas estavam diante dos televisores em todo o país para assistir a Vasco da Gama e São Caetano jogarem a final do campeonato no estádio São Januário [...]”, seguindo assim o acontecimento por completo. Desde o título já é possível verificar a existência de interpretatividade e opinião por parte dos repórteres, contudo, apesar de utilizarem poucos dados, em alguns momentos há a presença deste recurso, a fim de ajudar a embasar e dar credibilidade ao que está sendo exposto na narrativa, como por exemplo, no trecho: “Aos gritos mandava retirar do gramado os 168 feridos do acidente...”

Tendo a intriga reconstruída, é possível identificar o *conflito* no qual gira o enredo do texto, que segundo Motta “é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades”, (2010, p. 149).

Na matéria em questão, o conflito principal se dá em torno da personalidade polêmica do (na época) deputado e vice-presidente do Vasco, tendo como principal



exemplo o acidente na final da Copa João Havelange, no qual Miranda mostrou-se – segundo os repórteres – insensível à situação das vítimas da queda do alambrado, exigindo que elas fossem retiradas imediatamente para que o jogo pudesse prosseguir.

Outro ponto de destaque presente em toda a narração é o fato do vice-presidente não se importar com a imagem que era carregada sobre ele pelos brasileiros, sendo este, portanto, o conflito secundário. A intriga/conflito causa curiosidade e, por isso, se fez identificável já no título: *O vilão assumido*. O desenlace do mesmo se faz, em princípio, por meio de um episódio específico e, depois, retoma fatos anteriores que ocupam a função de justificar o acontecimento atual. Assim, o conflito principal não é contrapor a opinião pública e sim de certa forma justificá-la e podendo até reforçá-la. Alguns trechos podem ser tomados como exemplos disso:

“Desta vez Eurico Miranda se superou. Constrangeu até os vascaínos”, “O Brasil encontrou finalmente na pessoa de Eurico Miranda alguém capaz de assumir o papel de vilão”, “O inimigo número 1 do torcedor brasileiro”.

Juntamente com o conflito, os *episódios e suas funcionalidades* tornam-se visíveis. No início, tendo o acontecimento factual (o acidente) descrito, tem-se então a *complicação* da narrativa jornalística, sendo possível identificar tal função nos trechos:

Mais de 25 milhões de pessoas estavam diante dos televisores em todo o país para assistir a Vasco da Gama e São Caetano jogarem a final do campeonato no estádio de São Januário quando ruiu aquele alambrado, produzindo uma cascata de torcedores rumo ao andar de baixo. No meio da confusão, o carioca Eurico Angelo de Oliveira Miranda, 56 anos, vice-presidente do Vasco e deputado federal pelo PPB, roubou o espetáculo (CARNEIRO, FRANÇA, 2001, p.42).

Enfatizando principalmente as reações do personagem também observa-se tal identificação: “... Eurico, histérico, sem demonstrar a menor sensibilidade pela tragédia que acabara de acontecer, decretou que o Vasco era campeão e levou a taça para seu clube. Na marra”.

No decorrer do texto, os repórteres buscam o *equilíbrio* ao mesclar fatos em que Miranda foi polêmico (e vilão, como é adjetivado constantemente) e histórias da vida do mesmo, apontam momentos de sua origem e apresentam algumas características que podem ser encaradas como virtudes em sua personalidade, tal qual é possível identificar nos trechos extraídos como exemplos:

Filho de portugueses, Eurico foi um menino de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro [...] seu cotidiano era bem diferente da vida que levavam seus colegas de escola. Desde pequeno, foi obrigado a trabalhar no balcão da rede de



padarias da família. As roupas que vestia nunca eram as mais elegantes do grupo (CARNEIRO, FRANÇA, 2001, p. 43).

E ainda: “... é hoje um dos maiores craques em leis e regulamentos do futebol que existem no país. É muito mais bem preparado que a maioria dos dirigentes esportivos brasileiros. Por isso mesmo os adversários o temem nas mesas de negociações.”

O *clímax* acontece na narrativa quando os autores apresentam a contradição entre o personagem ser bem sucedido em seu trabalho no Vasco e, ao mesmo tempo, polêmico e com atitudes questionáveis.

A soma de sucessos consagrou o Vasco como a maior potência esportiva do país na década de 90. Ganhou quase a totalidade do que disputou [...] Por isso mesmo sua trajetória é intrigante. O dirigente esportivo mais bem sucedido do país é a justa expressão do que há de mais atrasado no futebol: um sujeito autoritário, que joga pela desorganização do calendário a cada vez que isso beneficia o seu time e mantém seus comandados em situação de total subserviência (CARNEIRO, FRANÇA, 2001, p.45).

O *desfecho* é uma espécie de conclusão de tudo o que foi apresentado e levantado até então: que para Eurico Miranda, o que importa é o seu amor pelo Vasco e nada mais.

Sofrerá novos processos. Pode também ser cassado, dependendo de aonde chegará na CPI. Nada disso o abala. No dia 16, será consagrado pela primeira vez na vida o presidente do Vasco da Gama. “É a maior ambição da minha vida”, afirma, fazendo pouco de uma cassação na Câmara: “Não me importo. Meu mandato é do Vasco” (CARNEIRO, FRANÇA, 2001, p.46).

Com a observação do conflito e dos episódios, já se faz também visível a *construção dos personagens jornalísticos* e de que forma eles são apresentados, já que segundo Motta, “é necessário observar como o narrador imprime no texto marcas com as quais pretende construir os personagens nas mentes dos leitores” (2010, p. 152).

O *protagonista* é identificado logo no princípio, na gravata, não deixando nenhuma dúvida de quem é ele. “Eurico Miranda pisa na bola, dá show de grosseria na final da Copa João Havelange e vira o vilão da vez no país”. Juntamente com a identificação do personagem, também é notável de que maneira ele será retratado e construído ao longo da narrativa: como vilão. Tal intencionalidade se faz presente em todo o texto, evidenciando assim, que o intuito dos repórteres é afirmar a imagem popular que Miranda possui.



Mesmo apresentando fatos da vida do protagonista a fim de justificar ou mostrar de que forma ele chegou a tal imagem construída, o uso de construção de determinadas frases e palavras acaba reforçando ainda mais tal imagem. Por exemplo:

“Grosseiro, fanfarrão e acostumado a provar a ira em torcedores adversários...”, “Eurico é o vilão assumido”, “uma personalidade contestada”. Porém, a contraposição com fatos da vida de Eurico e traços de sua personalidade também se fazem importantes para tal construção.

“É muito mais bem preparado que a maioria dos dirigentes esportivos brasileiros”, “a retórica, inflamada, lembra a de conversa de bar, pródiga de argumentos e alterações de voz”, “apesar da fama de durão, tem uma fraqueza: o permanente temor de que a onda de críticas a seus desmandos provoque uma crise familiar”.

Outros personagens são pouco citados e nem chegam a ser descritos de forma detalhada. Contudo, exercem a função de *auxiliares* no enredo. São destaques ao serem colocados em citações ao longo das páginas da reportagem e alguns, inclusive, têm suas fotos para maior reconhecimento de quem são e quais suas relevâncias na história do protagonista.

Neste ponto é pertinente e crucial ressaltar a participação do leitor na construção da narrativa, visto que tais significados só se concretizam após serem absorvidos pelo narratário e, com a sua bagagem de recordações pessoais sobre o tema e/ou personagem, possam atingir os objetivos dos autores.

“O jornalismo também ajuda a identificar os objetivos na comunidade, seus heróis e vilões” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004, p. 31). Ocorre então o uso de *estratégias comunicativas* e, ao mesmo tempo, a *relação comunicativa e o contrato cognitivo* da narrativa. Assim, o artifício da terceira pessoa provoca o distanciamento que o discurso jornalístico exige na relação entre narrador e narratário. Tal percepção ocorre nos trechos:

“Mais de 25 milhões de pessoas estavam diante da TV”, “o Brasil encontrou finalmente”, “por isso mesmo os adversários o temem”. Com isso, não apenas os repórteres passam a sensação de distanciamento, como também fazem os leitores se sentirem parte daquilo que está sendo narrado. Ou seja, os autores podem estar incluídos no que descrevem (já que fazem parte do Brasil e poderiam estar diante da TV também).

Mesmo repleto de percepções dos próprios autores, o texto analisado precisa conter clareza, para que o leitor tenha a credibilidade e o sentido de verdade absoluta, características da narrativa jornalística.



“O personagem mais destacado da Copa João Havelange, o campeonato nacional deste ano, acomoda-se num corpanzil de 110 quilos, carrega uma barriga proeminente e tem cabelos grisalhos e desgrenhados”, “No meio da confusão, o carioca Eurico Angelo de Oliveira Miranda, 56 anos, vice-presidente do Vasco e deputado pelo PPB”, “O inimigo número 1 do torcedor brasileiro tem poucos amigos, fala compulsivamente de trabalho, não é dado a badalação...”, são exemplos da construção de verossimilhança no texto.

O sentido de real dá-se na medida em que ao contar algum fato primordial da vida de Eurico, os autores auxiliam a narrativa discursiva com a visual. Por exemplo, ao citar o acidente com o alambrado e a foto do instante do mesmo; a polêmica no momento em que Miranda grita para tirar os feridos e há a imagem disso; ao citar a mansão em Angra dos Reis e citar o aumento de patrimônio em pouco tempo e mostrá-la em destaque na página. Logo, o personagem é construído de maneira fática, sem a presença do gênero fictício.

As *metanarrativas* são o que justificam a narrativa jornalística, que nada mais são que o fundo moral ou ético envolvido, já que “o jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Eis aí o vínculo com o princípio ético universal que deve orientar a moral da função do qual o jornalista assume a responsabilidade consciente pelos seus *fazeres*⁸ profissionais”, (CHAPARRO, 1994, p. 23).

Logo, o texto em questão trabalha com as polêmicas envolvendo Eurico Miranda e a procedência de alguns de seus patrimônios, bem como sua atuação contestável em algumas situações da vida profissional. Pode-se exemplificar isso com os trechos:

“Falar em valores com Eurico é sempre uma conversa complicada”, “Nesse período, porém, conseguiu sustentar quatro filhos e ainda guardar economias para comprar a casa de veraneio em Angra”, “Os detalhes de seus negócios terão de ser explicados agora na Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga irregularidades e corrupção no futebol”.

A mensagem principal e de fundo moral, é o de ser “criminoso”, ao roubar a taça do campeonato e a insensibilidade de Eurico.

“Eurico, histérico, sem demonstrar a menos sensibilidade pela tragédia que acabara de acontecer, decretou que o Vasco era campeão e levou a taça para seu clube.

⁸ Grifo do autor



Na marra”, “Ao final da confusão o cartola manteve a taça no clube, como se fosse sua por direito. Especulou-se que o troféu estava perdido. O mistério só foi desfeito na quarta-feira passada, quando *Veja* fotografou a taça na sede do Vasco”.

Portanto, após utilizar os passos recomendados por Motta para a averiguação da narrativa, é possível concluir que neste enredo o personagem é apresentado como anti-herói/vilão. Assim, o jornalismo reforça a opinião pública, fazendo uso do seu “poder” de referência.

CONSTRUINDO PERSONAGENS: O HERÓI

A fim de utilizar o mesmo processo de análise, as etapas propostas por Motta serão repetidas e aplicadas à reportagem a seguir, para que se verifique de que forma o personagem é construído.

A reportagem analisada foi retirada da Edição 1849, da revista *Veja*, de 14 de abril de 2004. Intitulada “*Os Segredos de Senna*”⁹, a publicação traz uma avaliação feita pelo repórter João Gabriel de Lima, com relação à biografia de Ayrton Senna¹⁰ – *Ayrton, o Herói Revelado* -, escrita por Ernesto Rodrigues. A reportagem foi publicada no mês anterior ao décimo aniversário de morte do piloto, momento em que foi lançada a biografia escrita por Rodrigues. Desta forma, o narrador utiliza cenas escritas sobre Senna, ordenando-as de forma a mostrá-lo como uma pessoa “comum” e não apenas como o piloto de sucesso.

Durante a narração há a presença de imagens que ilustram a história e ajudam a compor o acontecimento jornalístico que justifica a matéria. A primeira é dos olhos de Ayrton encoberto pelo capacete, dando ênfase ao título e instigando o leitor, como algo que diz “o que há por trás de seus olhos?”. Nas páginas seguintes está uma foto do personagem de corpo inteiro, trajando o uniforme da equipe e com o capacete embaixo dos braços; acima está a fotografia com o narrador Galvão Bueno, considerado amigo. Há aí mais um contraste entre vida profissional e pessoal, ou “humana” como o repórter prefere caracterizar. Depois é colocada em destaque a imagem com a namorada Adriane Galisteu e nas páginas seguintes duas relacionadas à sua morte: antes da largada da

⁹ Disponível no [Acervo Digital](#).

¹⁰ Ayrton Senna da Silva foi um piloto brasileiro de Fórmula 1, nasceu em 21 de março de 1960. Tornou-se ídolo do esporte para os brasileiros ao tornar-se tricampeão Mundial e exercer grande influência no meio em que atuou até 1 de maio de 1994, quando morreu em um acidente enquanto pilotava no Grande Prêmio de San Marino, na pista de Ímola, Itália. Informações disponíveis no site [Ayrton Senna](#), acesso em 28 de fevereiro de 2015.



última prova de sua vida, já dentro do carro e ao lado o carro de bombeiros com o caixão em cima. Ambas as fotos são emblemáticas, visto que induz o leitor à curiosidade de saber o que se passava na cabeça de Ayrton Senna pouco antes de sua morte e depois, tudo o que envolveu a vida do piloto.

O jornalista cita exemplos de personalidades históricas, aos quais julga serem conhecidas por parte dos leitores. Dessa forma, ele introduz a narrativa como síntese, fazendo com que assim, ela adquira um caráter cronológico e próximo da memória do receptor.

Portanto, os trechos aos quais são possíveis reconhecer *a reconstrução do acontecimento* encontram-se na introdução da reportagem: “Talvez por isso que só agora, dez anos depois da tragédia da Tamburello, tenha sido publicada uma biografia à altura do personagem: Ayrton, o Herói Revelado, de Ernesto Rodrigues, que chega às livrarias nesta semana.”

Com isso, o autor justifica a retomada do assunto (a morte de Ayrton Senna) com algo factual – o lançamento da biografia. Neste ponto já é possível observar a presença da análise, contudo, traz dados que dão ao texto o caráter da credibilidade, como por exemplo, no trecho: “Rodrigues entrevistou 213 pessoas em sete países – Brasil, Argentina, Inglaterra, Itália, França, Portugal e Japão”.

Depois de *recompôr e reconhecer a intriga*, foi necessário identificar o *conflito* da narrativa. De acordo com Motta, “O conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que lida com rupturas, discontinuidades e anormalidades”, (MOTTA, p. 149, 2010).

Na reportagem analisada, o narrador retoma o acontecimento passado, contrapondo-o com o presente e a biografia – motivo factual do texto jornalístico – e utiliza do imaginário e concepções em comum dos brasileiros, com relação ao personagem. Ou seja, os argumentos e situações expostas são conflitantes, permitindo a análise da *identificação do conflito e funcionalidade dos episódios*.

É possível observar a presença da intriga já no título, quando o autor utiliza “Os segredos de Senna”, pois causa curiosidade no leitor, visto que o piloto era uma figura pública e sua morte causou comoção nos brasileiros.

No corpo da matéria, os fragmentos deste ponto avaliado podem ser identificados na construção de frases como: “O autor foi chefe do escritório da TV Globo em Londres e dedicou dois anos ao projeto de dar uma roupagem humana à imagem deificada do herói do automobilismo”, o conflito começa a ser construído ao



inserir indiretamente a prévia da existência de contradição entre a imagem popular de Ayrton e a que o autor do livro apurou. E a confirmação disso ocorre na sequência com a afirmação: “O resultado é um livro que mostra pela primeira vez um Ayrton Senna humano, contraditório e, portanto, mais real que o mito voador das pistas”.

Reforçando e maximizando o sentido daquilo que propõe, o repórter faz uso de palavras que trabalham com o imaginário social do brasileiro, como por exemplo, “herói” (usada repetidamente), “humano” e a adjetivação de “voador das pistas”.

Utilizando como argumento a interpretação que fez da leitura do livro, o narrador demonstra o caráter interpretativo em todo o texto, gênero comum no veículo revista. Dessa forma, os episódios são identificáveis à medida que ele constrói a narrativa em constante evidência do confronto.

Apresentando o ponto de vista de que a maioria das pessoas conheceu mais a vida profissional do personagem do que a pessoal, o jornalista introduz a funcionalidade de *complicação* ao primeiro episódio, sendo possível identificar esse caráter no seguinte trecho: “A biografia se debruça sobre essas e outras facetas e mostra que Ayrton, o homem, era muito mais complexo do que se deixou conhecer em vida”. E ainda quando afirma: “O mártir da curva Tamburello, que realmente iniciava um movimento para aumentar a segurança das pistas, era dono de um estilo de pilotagem em que a ousadia e a ânsia de superação dos limites pessoais o colocavam perto de ser desleal”.

Em toda a narrativa o repórter preocupa-se em intercalar fragmentos do lado profissional e pessoal de Senna, a fim de construir a história em um episódio longo de *equilíbrio*. Pode-se ter como exemplo da presença desse aspecto na construção:

Nelson Piquet já era um ídolo quando Senna começou a surgir na Fórmula1. Desde o primeiro momento se estranharam. Senna atribuía a Piquet a boataria que o magoava profundamente. No início de 1988, Piquet acabara de ser tricampeão mundial, mas todas as atenções estavam voltadas para Senna que pela primeira vez correria por uma escuderia competitiva, a McLaren. Numa entrevista à imprensa brasileira, Ayrton resolveu espicaçar Piquet enquanto explicava por que tirava férias prolongadas [...] (DE LIMA, 2004, p. 74).

O *clímax* se dá quando a morte de Ayrton Senna é citada. O autor segue a linha de equilíbrio, porém, intriga o leitor ao levantar a questão da causa do acidente trágico. “Senna poderia ter vários focos de preocupação, quando entrou, naquele 1º de maio, no *cockpit* de seu carro – mas não foi isso que o matou. O autor da biografia endossa a tese de que o acidente se deu por falha mecânica”.



No entanto, não existe uma solução para a questão, pois o fato é apenas uma suspeita. Portanto, o repórter chama a atenção para a hipótese e a ressalta com uma das afirmações do livro e, essa é a forma de apresentar uma resolução.

A biografia narra, no entanto, um episódio envolvendo Frank Williams, o dono da equipe pela qual Ayrton corria quando morreu, que joga novas luzes sobre a discussão. Em março de 1995, a Williams teria procurado a família Senna em São Paulo para dizer que concordava com a tese da falha mecânica (DE LIMA, 2004, p. 77).

Contudo, o *desfecho* ainda não se dá com a conclusão citada acima e sim apresentada na sequência, com um resumo geral da percepção que o repórter fez da obra: “A leitura do livro permite reviver a emoção das vitórias marcantes de Ayrton Senna [...]”.

Identificado o conflito e os episódios que o compõem, é possível também visualizar os personagens e os papéis que desempenham na história contada pelo jornalista. Ou seja, tão importante quanto saber de que forma a intriga é construída, é a forma com a qual se dá a *construção dos personagens jornalísticos* na narrativa discursiva.

De início já é identificável quem será o *protagonista*, logo quando o repórter introduz o tema no primeiro parágrafo após breve comparação entre ídolos brasileiros. “A exceção é Ayrton Senna. Sua morte a 300 quilômetros por hora na curva Tamburello, em Ímola, na Itália [...]”. Daí em diante é possível que o leitor se confunda se é o livro ao qual a reportagem se baseia, que será o tema principal, no entanto, Ayrton Senna é o tema central de todo o texto, tornando-o assim o personagem principal.

Em princípio, é possível identificar que o repórter busca alterar a imagem de herói que o personagem tem projetada na cabeça da maioria dos brasileiros, no entanto, seu objetivo não é torná-lo assim um anti-herói, mas sim algo que se aproxime da realidade.

Narrando acontecimentos que vão além da profissão de Senna – algo que o próprio narrador ressalta -, o texto procura atingir uma espécie de equilíbrio entre o herói das pistas e o ser humano que o piloto foi, mas pouco demonstrou. No entanto, o tratamento de herói acaba sendo predominante na narrativa.

Por exemplo: “[...] Dedicou dois anos ao projeto de dar uma roupagem humana à imagem deificada do herói do automobilismo”.

O uso de outras palavras e expressões no decorrer do texto contribui para a identificação dessas intenções do jornalista. Como por exemplo, “os brasileiros reverenciam Ayrton Senna”; “mito voador das pistas”; “Senna, o mito, é descrito como um gênio, um fanático, uma vítima e um mártir”; “Senna era bom e sabia disso”.

A matéria divide-se em fatos da vida amorosa, familiar, pessoal e também profissional de Ayrton. E em cada um deles surgem novos personagens que ajudam a recriar a história. Eles, no entanto, são fragmentos em pontos específicos, tornando-os assim, todos *antagonistas* e também *auxiliares* dentro do enredo.

Todos os aspectos analisados, no entanto, só tomam corpo e sentido com a participação do narratário, ou seja, o leitor. É ele quem fará as interpretações e imprimirá no texto sua própria visão de mundo e assimilará as intencionalidades do narrador.

É neste ponto que se fez necessária a análise da *relação comunicativa e do “contrato cognitivo”* da narrativa.

A abordagem que se faz na reportagem em questão é a de um aparente distanciamento, que, de acordo com Motta, “a comunidade jornalistas-audiência reproduz uma convenção (informal, obviamente) em que emissores e destinatários são por convencionado que o jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições” (2010, p. 164).

Ao iniciar a narrativa, o repórter não se coloca inteiramente dentro dela, utilizando-se assim da terceira pessoa para tal efeito. Isso é identificável nos trechos: “Uma característica brasileira...”, “O brasileiro riu...”, “[...] solidificou-o no imaginário popular brasileiro...”, “Os brasileiros reverenciam Ayrton Senna...”

Dessa forma, o leitor se enxerga como pertencente daquilo que o narrador escreve e, ao mesmo tempo, não se dá conta que de uma forma ou de outra, ele (o narrador) também se inclui nas descrições, afinal, também é brasileiro.

Motta descreve o “contrato cognitivo” como sendo a relação (informal) entre narrador e narratário, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Tudo isso é identificável na reportagem sobre Ayrton Senna, mas alguns pontos podem ser destacados para reforçar a análise:

“Ninguém pilotava um Fórmula 1 tão perfeitamente quanto Ayrton Senna”, “Senna passou a cercar sua vida privada de enormes barreiras”, “não fazia questão de ser amado pelos colegas de pista”.



Nesses pontos, por exemplo, é possível perceber que o repórter se comunica com o leitor com clareza, sem incertezas, passando assim o sentido de verdade “absoluta”.

Nas páginas da reportagem há a presença de citações contidas no livro, que ajudam a construir a narrativa e a moldar o sentido fático, real dela. Sendo assim, é contada a história de um personagem existente e com acontecimentos acompanhados no decorrer de sua vida.

O texto jornalístico também faz uso das *metanarrativas*, ou seja, o fundo moral da história. A justificativa da reportagem é o lançamento da biografia de Ernesto Rodrigues, dez anos após a morte de Ayrton Senna. O repórter constrói a narrativa contando sobre isso e utiliza como fundo moral, mostrar o piloto além das pistas. Assim, mostrando-o de uma forma que o iguale com as pessoas que o idolatram: “O resultado é um livro que mostra pela primeira vez um Ayrton Senna humano, contraditório e, portanto, mais real que o mito voador das pistas”, “Já o forte de o ‘O Herói Revelado’ é o lado pessoal”.

O objetivo da matéria não se prende a um rompimento ético/moral forte que o justifique, mas sim a quebra da opinião popular que os brasileiros têm de Senna, algo como se ele fosse o gênio das pistas e só. O repórter, contudo, seleciona fatos da vida de Ayrton e os apresenta de uma forma que mostre que ele também tinha problemas, desafios, brigas, etc. Como se identifica nos trechos: “Não apreciava vinhos – bebia apenas para ficar de porre, quando estava eufórico ou deprimido. Senna nasceu para pilotar...”, “Senna, o mito é descrito como um gênio, um fanático, uma vítima e um mártir”, “o fanático que só pensava em automobilismo encontrava tempo para uma vida amorosa movimentada”.

Diante das etapas exploratórias da metodologia proposta, nota-se o tratamento de herói nesta matéria, evidenciando, em comparação a anterior, que as intencionalidades dos narradores podem ser incluídas no discurso jornalístico independente daquilo que se pretenda passar – consciente ou inconscientemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo as análises como exemplos de usos de intenções e interpretações no meio jornalístico (especificamente reportagens de perfil, nestes casos), é possível identificar a tentativa de imposições de julgamentos morais por meio das narrativas, contudo, em tese, não cabe ao jornalismo implicar tais julgamentos enquanto porta-voz da



comunidade, pois “sua primeira lealdade é com os cidadãos” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004, p. 22) e independente da “caracterização” que se queira dar a alguém, - vilões ou heróis - tais personagens continuam sendo cidadãos.

Vilas-Boas (2003) sugere que, mesmo na escrita de perfis, pensamentos binários do tipo “santo ou demônio”, “algoz ou vítima”, “melancólico ou eufórico” devem ser evitados, de maneira que o leitor consiga atingir percepções por suas próprias análises (com detalhes, cenas), não com a opinião do repórter.

Cabe ao jornalismo, portanto, fornecer as informações à sociedade para que ela possa ser livre para chegar às suas conclusões. Ao repórter fica então o desafio de ser o mais isento possível em suas implicações ao transmitir mensagens, mesmo que o próprio profissional seja pertencente a um grupo e extraia dele o consenso de opiniões. Todavia, o fator humano é algo que vai além do âmbito profissional, e, muitas vezes, não se dissociam e, por isso, o jornalismo é um processo social repleto de complexidade.

REFERÊNCIAS

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MOTA, Célia Ladeira. **A narrativa semiótica da imagem**. In CUNHA, Maria Jandyra, MOTA, Célia Ladeira, MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas midiáticas. Florianópolis: Insular, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfil**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

CARNEIRO, Marcelo, FRANÇA, Ronaldo. **O vilão assumido**. In Revista *Veja*. Edição 1682. São Paulo: Editora Abril, 2001.

DE LIMA, João Gabriel. **Os segredos de Senna**. In Revista *Veja*. Edição: 1849. São Paulo: Editora Abril, 2004.